

O que Nos Podem Ensinar os Animais

Alan Devoe



TENHO PASSADO a maior parte da minha vida estudando os animais. Quando eu tinha cinco ou seis anos o animal era um velho cão de caça—uma das criaturas mais sábias do mundo, pensava eu naquela época. É possível que eu tivesse razão. Mais tarde foram coelhos, cobaias, ratos brancos. E agora, na minha vida adulta de naturalista, são veados, guaxinins, cangambás, rapôsas e uma longa série de outros animais selvagens observados em chegada intimidada, ao ar livre. Se eu viver até aos 80 anos e continuar saudando as manhãs com um louvor como uma prece, não será por coisa alguma que tenha lido em livros de Filosofia. Será porque conheci os animais.

Êles estão muito perto do coração de Deus, disse São Francisco de Assis. Acho que devem estar. Por instinto, um animal tem infinita confiança na vida.

Esta manhã, quando o sol nasceu, fiquei vendo Thomas, o nosso gato,

Êles respondem à voz da Natureza... e o fazem de todo o coração

saudar o novo dia. Thomas está agora (em escala humana) caminhando para os 80. Tôdas as manhãs compartilho com êle o raiar do dia. É um grande remédio.

Primeiro sobe correndo a escada do porão, flexível e elástico como um tigre, do lugar onde dorme, perto da fornalha de aquecimento da casa. Fico a observá-lo enquanto lhe preparo a comida. Êle sempre começa com o ritual de espreguiçar-se lentamente. Nada de trivial ou apressado, vejam bem, mas um prazer despreocupado, cuidadosamente requintado, que lhe faz tão bem como um período de férias. Pata dianteira esquerda, pata dianteira direita, depois as duas pernas traseiras, depois um longo encurvar do dorso... Ahhh! Uma sacudidela rápida, os grandes olhos verdes abrem-se muito, as orelhas ficam em pé.

Salta para a porta envidraçada, ergue-se, apóia as patas dianteiras no vidro e espia para fora todo trêmulo, a cauda contraindo-se de excitação. Sol! Árvores! Céus! Há uma fôlha que o vento faz brincar e saltar pela relva! Thomas já olhou por êsse mesmo vidro de porta centenas de manhãs, mas de cada vez é tudo novo, apaixonante, maravilhoso.

Outro tanto ocorre com o desjejum. Parece que êle nunca viu aquêlê velho prato de picadinho. Cai sôbre a comida como um homem que encontra urânio. Depois, quando o último bocado foi cuidadosamente lambido do prato, vem o extático momento de sair para o novo dia.

Thomas nunca se limita a passar pela porta. (Os animais levam a sério êsses momentos.) Primeiro êle desliza *metade* do corpo para além da porta, depois se põe de pé sorvendo os sons, os odores e os aspectos lá de fora. Mais uns centímetros, e fica em pé novamente. Por fim, muito devagar, escorrega para além do limiar. Se tanta maravilha o atingisse de uma vez só, êle dificilmente poderia agüentar.

Por fim corre para o meio do gramado e ali êsse octogenário executa violentas cabriolas. Voa num salto sem nenhum objetivo especial e depois ziguezagueia atrás de inexistentes ratos. Salta no ar e bate as patas, agarrando borboletas invisíveis. Depois dá uns pulos rápidos, apoiando-se alternadamente só nas patas dianteiras ou só nas traseiras, e rola uma porção de vêzes, agitando as quatro

patas. Num minuto aquilo termina, e êle parte gravemente para as suas aventuras do dia.

Que melhor lição da arte de viver poderíamos receber? É alegria em todos os instantes, consciência da excitação elétrica da terra e de tudo que está nela. Mais uma lição de Thomas: quando êle dorme, *dorme* de fato. Enrosca-se como uma bola, põe uma pata em cima da cabeça e entrega-se a Deus.

Todos os animais se entregam completamente à alegria de existir. À tardinha, os esquilos voadores brincam de montanha-russa aérea. Tenho visto uma rapôsa velha ficar meia hora batendo com um pau em êxtase absorto. As crianças reagem com a mesma simplicidade ao mundo que as cerca, antes de chegar a razão para complicar-lhes a vida.

Num crepúsculo de verão fiquei vendo um gamo pastando junto à sebe de um pasto. Todo o seu ser estava entregue ao sabor da grama fresca, à carícia do sol batendo inclinado nos seus flancos fulvos. Estava sereno e despreocupado. A Natureza lhe dizia: "Saboreia, e diverte-te, meu velho", e era isso mesmo que êle estava fazendo.

De repente, uma cobra apareceu serpeando quase debaixo do seu focinho. Com a rapidez de um raio o veado se tornou uma fera rígida e combativa. "Mata-a!" disse a Natureza, e êle respondeu no mesmo instante. Os cascos aguçados, cortantes, golpearam, e num instante estava tudo acabado. Então a voz disse:

“Volta à tua paz e continua pastando, meu velho.”

Todos os sinais de combatividade e medo desapareceram do corpo do gamo. De novo livre e à vontade, êle subiu despreocupadamente a colina do pasto e a macia escuridão da noite envolveu-o como um braço.

Se se pode dizer que os animais têm uma filosofia, ela se resume no seguinte: quando a Natureza diz: “Eu vos dou a magnificência dos sentidos e da consciência e o esplendor da terra”, entrega-te a essas coisas sem te preocupares que pareça pouco respeitável dar cambalhotas aos 80 anos. Quando a palavra fôr “Luta!” lança-te à luta sem pesar hesitantes idéias de prudência.

“Descansa”, diz o teu guia. “Brinca.” “Dorme.” “Come, procria e dormita à sombra verde de Deus à margem do regato”, cada coisa na sua época. Dá ouvidos à voz e age. É uma filosofia simples. Ela encerra a fôrça do mundo.

Os animais nunca se preocupam. Que ave poderia criar uma ninhada se se preocupasse com os problemas a serem resolvidos, com o impossível número de viagens a serem feitas diariamente em busca de alimento necessário para manter caladas aquelas bôcas? Não é assim que as aves ou os animais reagem em face da vida. A Natureza diz: “Alimenta-os!” e a mãe ave cumpre o mandamento. Entre a aurora e o crepúsculo, uma minúscula carriça tem de fazer centenas de viagens de ida e volta para alimentar os filhotes.

Um animal não sabe o que quer dizer fraternidade, mas quando ouve o grito de “Socorro!” atende instintivamente. Se uma marmota leva um tiro, os demais membros da colônia de marmotas acorrem logo, não ligam a mínima importância aos tiros e arrastam para debaixo do solo a companheira atingida.

Os caçadores de animais de grande porte têm visto como os elefantes ajudam um camarada ferido. Sem pensarem no perigo, ajoelham-se junto do que caiu e passam as prêsas por baixo dêle. Se a vítima consegue andar, dois componentes da manada colocam-se um de cada lado e ajudam o companheiro ferido a embrenhar-se na floresta.

Até os passarinhos realizam milagres de valor. Uma vez um par de papa-môscas—papa-môscas, imaginem!—quase acabou comigo. Eu tinha descoberto o ninho dêles debaixo de uma velha ponte de madeira sôbre uma corrente e estava procurando aproximar-me, saltando de pedra em pedra, sôbre a água veloz, para ver de perto os filhotes. De repente a mãe papa-môscas passou como um raio rente ao meu nariz. Quando eu mal me equilibrara de novo depois do rápido recuo a que a surpresa me levara, ela voltou e voou bem de encontro aos meus olhos. Saltei para o lado e meti uma perna na água. Nesse momento o pai papa-môscas atacou num mergulho de bombardeiro e me arrancou os óculos com as asas. Êsses pais não estavam preocupados com perigos impossí-

veis; agiam por fôrça da mensagem: "Atacai-o!" Obedeceram. Saí debaixo daquela ponte como se estivesse sendo perseguido por ursos.

Os animais selvagens não se limitam a receber de coração aberto a vida em todos os seus aspectos; saúdam a morte da mesma maneira. "Agora dorme e descansa", diz a Natureza finalmente. Lembro-me de quando morreu meu velho cachorro Dominie. Deitou-se no seu canto

preferido, deu um longo suspiro e partiu. Lembro-me também de uma espécie de marmota que morreu no pasto da minha fazenda. Enquanto eu a observava, ela se estendeu sôbre uma pedra aquecida pelo sol, deu um último suspiro e se rendeu ao que a Natureza lhe ordenava. Fazer aquilo não devia parecer-lhe estranho: ela o tinha feito a vida inteira. Nos animais fulgura a confiança que afasta o medo.



Como é Mesmo?

COMISSÁRIO G. H. Hatherill, da Scotland Yard: "Há apenas uns 20 assassinatos por ano em Londres e nem todos graves: alguns são só casos de marido que mata a mulher." —Citado por "Pendennis" em *The Observer* de Londres

DE UMA CARTA à redação publicada em *Mirror*, de Los Angeles: "Nós, môças solteiras, guiamos os nossos próprios carros, mantemos os nossos próprios filhos e vamos para onde queremos." —Citado em *Look*

DE *Wayne County Mail*, de Ontário, Estado de Nova York: "O Corpo de Bombeiros Voluntários de West Walworth tocará a sirena 15 minutos antes de cada incêndio."

DE UM ARTIGO sôbre Gloria Swanson em *Light*, de San Antonio, Estado do Texas: "Embora tivesse nascido em Chicago, ela poderia perfeitamente ter nascido em San Antonio."

LETREIRO num hotel inglês: "Faça o favor de não esperar que o apresentem aos outros hóspedes; somos todos uma grande família. Não deixe objetos de valor no quarto." —Citado em *Picture Post*

UMA ESTUDANTE da Universidade de Indiana, sôbre o beijo: "O importante na despedida é conservar os pés no chão."

—Citado por Sexson Humphreys em *News* de Indianápolis, Estado de Indiana